

Manoel Bomfim e o esquecimento: Memória de Manoel Bomfim na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Bomfim

*Monaquelly Carmo de Jesus**

Manoel Bomfim and forgetfulness: Memory of Manoel Bomfim at the Municipal School of Fundamental Education Manoel Bomfim

Resumo

Muito se tem falado no meio acadêmico sobre o esquecimento ao qual tem sido relegado Manoel Bomfim. Este artigo visa verificar o conhecimento dos alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Bomfim a respeito do personagem histórico que nomeia a escola. Ainda faz um breve apanhado das possíveis razões para o seu esquecimento e apresenta a importância do estudo da sua vida e obra para a comunidade desta escola.

Palavras-chave: Manoel Bomfim; Memória; História Local'

Abstract

Much has been said in the academic world about the forgetfulness to which Manoel Bomfim has been relegated. This article aims to verify the knowledge of the 9th grade students of the Municipal School of Fundamental Education Manoel Bomfim regarding the historical character that names the school. It also makes a brief survey of the possible reasons for his forgetfulness and presents how important is to study about his life and work for the community of this school.

Keywords: Manoel Bomfim; Memory; Local History



* Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2007). Atualmente é professora - Secretária de Educação do Estado de Sergipe e Prefeitura Municipal de Aracaju, e mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe.

Por muito tempo as palavras Manoel Bomfim e Esquecimento têm estado ligadas, conforme se pode perceber nos textos de diversos estudiosos. Aluizio Alves Filho, por exemplo, já em 1979, pouco mais de 45 anos após a morte de Manoel Bomfim, se referia a ele como um “ensaísta esquecido”¹. De lá para cá, vários outros autores fizeram referência a esse alegado esquecimento, sob as mais diversas justificativas. Alves Filho (1979) atribui ao radicalismo de suas idéias, com quem concorda Aguiar, em seu livro “O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim” (2000)². Botelho, referenciando os dois, dá maior peso ao fato de Bomfim, apesar de rejeitar a explicação biológica da sociedade e se aproximar do materialismo histórico, propor uma reforma da sociedade através da educação, ao invés de sugerir uma transformação estrutural na sociedade brasileira (2000, p. 17).³

Prado, em seu artigo “A questão nacional, a identidade cultural e o passado colonial brasileiro: Manoel Bomfim e uma interpretação do significado das raízes ibéricas”⁴, apesar de confirmar a distância entre o pensamento dele e o de seus pares, chama a atenção ao papel importante de Silvio Romero, também sergipano, no seu esquecimento, apontando-o como um dos primeiros a desqualificar a obra de Bomfim. De fato, Romero, proeminente intelectual brasileiro, dedicou não menos que 25 artigos para desqualificá-lo, artigos que depois se transformariam em um livro: “A América Latina, análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim”, de 1906, publicado já no ano seguinte da publicação de “América Latina, Males de Origem”, de Bomfim. Ainda Maringoni, ao escrever um perfil⁵ do estudioso, atribui à postura antielitista que defendia a origem dos ataques feitos ao seu texto e a sua pessoa. As palavras duras usadas no livro “América Latina, Males de Origem”, causaram uma grande polêmica e despertaram o ódio das elites, palavras como as seguintes:

- 1 ALVES FILHO, Aluizio. *Pensamento político no Brasil: Manoel Bomfim, um ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro : Achiamé, 1979
- 2 AGUIAR, R. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: ANPOCS, Topbooks, 2000
- 3 BOTELHO, André. Na contracorrente do naturalismo: relações sociais na interpretação do Brasil de Manoel Bomfim. In: *Temáticas*. IFHC/UNICAMP, Campinas, ano 11, número 21/22, 2003, pp. 75-100. Disponível em < <http://www.nusc.ifcs.ufrrj.br/manoel.pdf>> Acesso em 13 fev. 2019
- 4 PRADO, Maria Emilia. A questão nacional, a identidade cultural e o passado colonial brasileiro: Manoel Bomfim e uma interpretação do significado das raízes ibéricas. In: E.I.A.L., Vol 16 – no 2, 2005. Disponível em: <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/343>> Acesso em: 13 fev. 2019
- 5 MARINGONI, Gilberto. Perfil – Manoel Bomfim. In: *Desafios do desenvolvimento*. Ano 8, Ed. 66, 2011. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2527:catid=28&Itemid=23> Acesso em 13 fev. 2019



Tanto vale discutir logo toda a célebre teoria das raças inferiores. Que vem a ser essa teoria? Como nasceu ela? A resposta a estas questões nos dirá que tal teoria não passa de um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes (1905, p. 190).⁶

Não é de se admirar, então, que a elite fizesse uma extensa campanha para relegá-lo ao esquecimento! No entanto, Maringoni (2011) atribui a responsabilidade também ao próprio Bomfim, já que “Manoel Bomfim decidiu não responder às provocações. É possível que a recusa tenha levado seu livro a cair num injusto esquecimento, até ser recuperado por Darcy Ribeiro (1922-1997), no início dos anos 1980.”

Também esse movimento de esquecimento e recuperação não surpreende porque, como disse Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9)⁷

Mesmo tendo sido trazido de volta ao foco de análise acadêmico a partir da década de 1980 e tendo o seu trabalho reconhecido a partir de então, os últimos 40 anos não foram suficientes para compensar os 50 anos posteriores a sua morte e alçá-lo ao mesmo grau de reconhecimento de contemporâneos sergipanos como Tobias Barreto e o próprio Silvio Romero.

Em Aracaju, uma das homenagens⁸ feitas a ele foi ter seu nome dado a antiga escola da AMAB (Associação de Moradores e Amigos do Bugio), vinculada à Prefeitura Municipal de Aracaju. No entanto, nomear uma escola, onde sua memória e suas conquistas poderiam ser transmitidas de

6 BOMFIM, Manoel. *América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/zg8vf>> Acesso em: 11 fev. 2019

7 NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 14 abr. 2019

8 Manoel Bomfim também nomeia uma rua no bairro Siqueira Campos. No âmbito estadual, há a medalha do mérito educacional Manoel Bomfim, concedida pela Assembléia Legislativa de Sergipe, e uma escola estadual no município de Arauá. Em 2010 a deputada Ana Lúcia propôs a transformação da antiga casa onde viveu Bomfim, localizada na Avenida Ivo do Prado, no Memorial Educador Manoel Bomfim. A proposta, no entanto, não foi adiante.



geração a geração, significou um passo a frente em direção ao reconhecimento de Manoel Bomfim? Para responder a essa pergunta, foram aplicados questionários semi-estruturados aos alunos das três turmas de 9º ano da escola, no ano letivo de 2018, conforme será explicado mais adiante.

Antes disso, porém, é necessário frisar que a importância do ensino sobre a história de Manoel Bomfim nessa instituição reside não apenas na necessidade de preservar sua memória e propagar suas conquistas, mas também na necessidade de ensinar a História Local, tanto num aspecto mais amplo, da história do estado de Sergipe, como num aspecto mais próximo, no estudo da história da comunidade na qual estão inseridos.

Segundo Circe Bittencourt, o ensino da História Local é necessário por “possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (2009, p. 168)⁹. Mas não se trata apenas de que o aluno compreenda o seu entorno. Está envolvida também a própria memória e identidade (ou identidades) do aluno:

A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares de memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo (BITTENCOURT, 2009, p. 169)

Já Schimidt e Cainelli consideram a História Local também uma estratégia pedagógica. Segundo elas:

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com o interesse do aluno, suas aproximações cognitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana. Como estratégia de aprendizagem, a história local pode garantir melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão integrados no conjunto do conhecimento. [...] O trabalho com a história local no ensino de



9 BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009

História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas como base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas. (2009, p. 139)¹⁰

Ainda, a orientação para o ensino da história local está presente nas propostas curriculares nacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (2017), apresentando mais uma contundente razão para o ensino da História Local.

A escola e as respostas dos alunos

A EMEF Manoel Bomfim localiza-se na rua A-4, n 480, no Bairro Bugio, zona norte de Aracaju, Sergipe, e atende alunos do 1º ano 9º ano do ensino fundamental, oriundos do Bugio e de comunidades circunvizinhas, como São Carlos, Maria do Carmo, Anchieta e Jardim Centenário, localizadas no município de Aracaju, e Loteamento Esperança, Nova Liberdade, Parque São José, Parque Nossa Senhora de Fátima e Guajará, em Nossa Senhora do Socorro, a maior parte destas habitadas por famílias de baixa renda.

Fundada no dia 24 de maio de 1981, a essa altura tinha outro nome, Escola da AMAB, por funcionar na Associação de Moradores e Amigos do Bugio (AMAB). A escola foi fundada a partir da visão do professor Manoel de Carvalho Garção, morador da comunidade, e que se havia sensibilizado ao perceber a necessidade de acolher e alfabetizar os jovens e crianças da região. Posteriormente, Garção teria também cedido o terreno onde hoje está construída a escola. Por suas más condições estruturais, o prédio da Escola da AMAB foi demolido em 2002, tendo a escola sido transferida para o prédio da antiga escola “Pequena Fada”, até que recebesse o novo prédio em 2004.

O fato de a escola ter sido criada e mantida a partir dos esforços do professor Manoel Garção, mas acabar recebendo o nome de alguém desconhecido pela comunidade foi, por muito tempo, motivo de descontentamento por parte de familiares e conhecidos do professor, e de parte da comunidade escolar. Por isso, em 2011 a recém inaugurada biblioteca escolar recebeu o nome de Manoel de Carvalho Garção, como homenagem e reconhecimento feitos pela comunidade escolar ao idealizador e primeiro diretor da escola.

10 SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009

Hoje, a Manoel Bomfim é reconhecida na região como uma escola de boa qualidade, percepção esta confirmada pelo IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, ao alcançar nota 5,4 para os anos iniciais e 5,0 para os anos finais do Ensino Fundamental em 2017. Nos últimos anos, os pais e responsáveis esperavam numa fila durante a madrugada para conseguir uma vaga, até que em 2013 foi implantado o método de sorteio público. A partir de 2018, seguindo o que foi estabelecido pela rede, as matrículas tem sido feitas online. A escola tem pouca distorção idade-série, e não há nenhum desequilíbrio perceptível entre os gêneros. O número de alunos matriculados por turma varia entre 30 e 36 alunos, número máximo permitido pela estrutura física da escola.

Essa escola se apresenta como o espaço ideal para uma pesquisa sobre a preservação da memória de Manoel Bomfim. Para saber se ele é conhecido na escola que leva seu nome, foram aplicados questionários semi-estruturados aos alunos do 9º ano. Foi escolhido esse ano escolar por ser o último ofertado na escola e, conseqüentemente, onde poderiam ser encontrados alunos que frequentassem a instituição há mais tempo. Considerando-se que a escola atende alunos a partir do 1º ano, era de se esperar que os alunos do 9º ano, alguns deles frequentadores da escola desde o início da sua formação, em algum momento tivessem sido ensinados a respeito da história da escola e da pessoa que a nomeia. Assim, esperava-se identificar se em algum momento foi pensado pelos professores e/ou equipe pedagógica da escola tornar conhecidas aos alunos as contribuições desse importante educador, historiador e sociólogo sergipano. Para auxiliar na análise dos dados, foi lido o Projeto Político Pedagógico da escola (2014).

No questionário foram feitas cinco perguntas. As três primeiras visavam identificar se os alunos sabiam quem foi Manoel Bomfim ou se pelo menos se lembravam de, em algum momento, os professores terem falado sobre ele. Já as outras duas perguntas tinham como objetivo perceber a visão dos alunos a respeito do tipo de pessoas que poderiam ser homenageadas ao emprestar o seu nome a uma escola.

O questionário foi aplicado nas três turmas de 9º ano, perfazendo um total de 76 alunos presentes no momento da aplicação. Destes, 10 alunos estudam na escola desde o 1º ou 2º ano do ensino fundamental, 15 alunos chegaram à escola entre o 3º e o 5º ano, 38 foram matriculados no 6º ou 7º ano, e 11 alunos chegaram nos últimos dois anos. Sendo assim, há uma amostra bastante diversa de alunos por tempo de permanência na escola, apesar do número de alunos que estudaram na Manoel por toda a sua vida escolar não ser tão relevante quanto o esperado.

Para a pergunta “Você sabe quem foi Manoel Bomfim”, quase a totalidade dos alunos disse que não. Apenas uma aluna do 9º A, que estuda na escola há 7 anos, respondeu positivamente, dizendo que ele foi “o dono



do prédio e criava animais onde era um sítio e agora é a escola, por isso o nome da escola foi colocado de Manoel Bomfim”. Provavelmente a aluna fazia referência a Manoel Garção, que doou o terreno. De fato, o local por muito tempo foi a um sítio, e o terreno ao redor da escola continuou a ser usado para esse fim mesmo durante o período do funcionamento da AMAB. No local havia uma criação de porcos, fato que gerava ao mesmo tempo constrangimento e piadas entre a comunidade escolar. O único outro aluno a responder positivamente foi um aluno novo na escola, do 9º C, que disse que “um professor ensinou que Manoel Bomfim foi um professor, Deputado Federal e Estadual sergipano”. Ao ouvirem essa resposta alguns colegas o criticaram, dizendo que nenhum professor havia falado sobre o assunto e que se disse, foi em particular para ele. Pode-se imaginar então que algum professor fez um comentário sobre o assunto, mas que não chegou a ministrar uma aula sobre o tema, já que 98,5% dos alunos afirmam que nenhum professor nunca falou sobre o tema, mesmo aqueles que já estudam na escola há 9 anos.

Esse entendimento está de acordo com o que pode ser analisado a partir do Projeto Político Pedagógico. O texto faz sim referência à História do Cotidiano e à História Local, quando diz:

A escola buscará superar a mera função de passar informação sobre as matérias ou de transmitir o conhecimento do livro didático. Será estabelecida uma relação entre a cultura oriunda da experiência que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontros, nos meios de comunicação, na família e no trabalho formal caracterizada pelo domínio dos conhecimentos, das habilidades de pensamentos para possibilitar que alunos aprendam a atribuir significados às mensagens e informações recebidas de fora, dos meios de comunicação, da vida cotidiana, das formas de educação proporcionadas pela cidade, pela comunidade. (2014, p. 33)¹¹

No entanto, o Projeto não propõe nenhuma ação ou programa específico para o estudo dessa História do Cotidiano ou História Local, e menos ainda para tornar conhecido Manoel Bomfim.

Quanto perguntados qual seria a cidade de nascimento de Manoel Bomfim, a maior parte dos alunos (49) supôs, corretamente, que ele era sergipano, e 75% destes especificaram a cidade de Aracaju. Essa informação demonstra a necessidade que esses alunos sentem de serem representados quando da nomeação dos espaços públicos, lhes parecendo

11 EMEF MANOEL BOMFIM. *Projeto Político Pedagógico*, 2014

óbvio que, sendo o espaço localizado em Sergipe, receba o nome de alguém de Sergipe.

Quando perguntados a respeito da possível profissão de Manoel Bomfim os alunos foram menos coesos, mas boa parte deles citou profissões relacionadas à atividade escolar ou que estivessem diretamente ligadas à história da própria escola. Vários alunos supuseram que ele tivesse sido professor, fundador, diretor ou construtor da escola, e isto lhe tenha valido a homenagem. Essa percepção ressoa com o problema anteriormente citado da falta de identificação da comunidade escolar com Manoel Bomfim e o ressentimento por a escola não ter recebido o nome de alguém que contribuiu para a sua criação.

A partir dessas informações é possível perceber que, apesar de ter havido um movimento em direção à superação do esquecimento de Manoel Bomfim, por meio da tentativa de estabelecimento de uma política de memória, a partir do seu reconhecimento como personalidade relevante na história do estado de Sergipe ao ser colocado o seu nome em uma escola pública, esse movimento não tem sido levado adiante pela comunidade escolar. Uma explicação pode ser o desconhecimento do legado de Bomfim, ou mesmo o desconhecimento da importância deste tipo de conteúdo para formação integral do aluno.

A nomeação de um espaço público é um passo importante para a memória de Manoel Bomfim, e em especial quando se trata de uma instituição de ensino. Como bem explicou Pierre Nora, há “lugares onde a memória se refugia e se cristaliza” (1993, p. 7)¹², e a escola é um deles, como aponta Ciavatta:

Como elemento aglutinador, gerador de coesão social, a escola deve se tornar um lugar de memória, de resgate das identidades, da compreensão do presente incorporando as dificuldades, as lutas e as conquistas do passado, suas representações na forma de imagens e de documentos, seus símbolos carregados de história e de significados. (2005, p. 1)¹³

No entanto, apenas a ação de nomear não é suficiente quando não há um movimento educativo contínuo que torne conhecido o sujeito ou fato histórico que se quer lembrar. Por isso, no caso desta escola, não se

12 NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 14 abr. 2019

13 CIAVATTA, Maria. A formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *Trabalho Necessário*. Rio de Janeiro: UFF, ano 3, v. 3, 2005. Disponível em < <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>> Acesso em 14 abr. 2019

pode dizer que houve um esquecimento de Manoel Bomfim, já que, como diz Padrós, “não se pode esquecer o que se desconhece” (2001, p. 88).¹⁴ A escolha deste nome se deveu a uma iniciativa do poder público que, apesar de positiva, não envolveu de nenhuma maneira a comunidade, sendo apresentada como uma decisão que deveria ser aceita e acatada. Tampouco houve algum programa ou projeto voltado a apresentar o estudioso para a comunidade e a fazê-la abraçar seu nome e sua memória.

Assim, não é de se estranhar que a escola, por sua parte, não tenha feito nenhum movimento em direção a preservação e propagação das idéias de Bomfim, alguém desconhecido para eles, sem significado nenhum para a comunidade além de um nome em uma placa. Placa onde acreditavam que deveria estar o nome de alguém que teve um papel protagonista na história da escola. Alguém com quem tinham relação de afeto e de pertença. Desse modo, o esquecimento de Bomfim, neste contexto, não foi apenas uma questão de omissão, de negação, ou muito menos de destruição de sua memória¹⁵. Foi uma questão de desconhecimento, mas também um movimento de resistência, resistência à construção de uma história que não fazia sentido para a comunidade. Cabe agora caminhar em busca da construção desses sentidos.

14 PADRÓS, Enrique. Usos da Memória e do Esquecimento na História. *Letras*. Santa Maria: UFSM, n. 22, p. 79-95, 2001.

15 Esquecimento-omissão, esquecimento-negação e esquecimento-destruição são algumas categorias de esquecimento apresentadas por Michel. MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? *Revista Memória em Rede*. Pelotas: UFPEL, v.2, n.3, ago.-nov. 2010